

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados do Entrevistador e do projeto:

Nome: Elis Regina Barbosa Angelo

Data: 25/07/2016

Nome do Projeto: **Leituras do Patrimônio Cultural em Outros Territórios Simbólicos: As Representações Culturais do Padre Cícero na Feira de São Cristóvão – Rio de Janeiro**

Dados do Depoente

1) Nome completo: **Francisco Renato Sousa Dantas**

2) Local e data de nascimento:

3) Endereço atual: Juazeiro do Norte- Ceará

4) Profissão atual: Professor

Profissões anteriores: Professor de Educação Física, Pesquisador.

Ficha técnica:

Tipo de entrevista: história temática: Padre Cícero

Entrevistadora: Elis Regina Barbosa Angelo

Levantamento de dados: Elis Angelo; Gabriel Almeida

Pesquisa e elaboração do roteiro: Elis Angelo

Conferência da transcrição: Elis Angelo

Técnico de gravação: Elis Angelo

Local: Residência de Francisco Renato Dantas

Data: 25/07/2016

Duração: 00:37:27

Temas: Padre Cícero, Mudanças sobre Juazeiro, Padre Cícero e Lugar Sagrado, Romeiros e Romarias

Transcrição: Matheus Rodrigues

Diálogo a respeito de Juazeiro do norte, vivências, experiências e mudanças de olhares.

De Paula Cordeiro, quando vocês conversaram com Zé Carlos, vê se ele ainda tem o de Pala Cordeiro. Zé Carlos, ele que tomou de conta da coleção do centenário e “Paulinha” fez o livro dela dentro dessa coleção, pode ser que ele tenha, não tenho certeza. Então, ela trabalha bem essa mudança. Assim, eu acho que eles continuam mantendo a tradição, passando de pai para filho. Agora, tanto esses que já estão passando de pai para filho quanto esses novos que estão vindo, eles já têm mudanças em questão da vivência com Juazeiro. A maioria desses mais velhos conhecem todas as

histórias do padre Cícero, de construção de Juazeiro, todas as histórias, que, muitas delas já são a própria criação daquela vontade de que fosse a coisa, toda uma mística sobre o padre Cícero, a literatura de cordel também influenciou muito essa mística, ou ela foi influenciada por essa mística, eu acho que é um caminho de duas vias. Eles visitam os lugares sagrados, fazem toda referência de como era feito a muito tempo, os filhos e os netos acompanham este caminho que eu chamo de: O caminho do Romero – A reinvenção dos passos do padre Cícero. Eles fazem tudo isso, mas ao mesmo tempo estão sintonizados com a contemporaneidade, tipo, eles gostam de ir pro Forró, vão pro caldas, tudo que não é aquela pra ser religioso, é um passeio, fazem as coisas que a contemporaneidade oferece, os mais velhos não, eles vem, vão dormir oito horas ou nove horas no mais tardar, para quatro horas da manhã estar em busca do horto. Então essa mudança ela é de acordo com tudo (contemporaneidade e mudança do mundo) inclusive meninas de brinco e piercing, fazendo a reza, vivenciando a despedida, vivenciando as procissões, vivenciando aquele caminhar – aquela procissão que teve em setembro que eu acho bonita – deles os romeiros, que eles fazem a procissão, o foco padre Cícero, eu acho que continua mesmo com esse pessoal novo, e o pessoal novo vê a cidade sagrada com outros olhos, porque a cidade sagrada de Juazeiro, eu vim cá ver as coisas do padre Cícero, nossa Senhora das candeias, conversar com padre Cícero, conversar com as imagens, essas conversas eu acho um barato, acho isso fantástico. E o não beber, não dançar, porque eram valores próprios deles, já essa juventude não, a cidade sagrada também deixa que ele dance e que ele passeie. Essa... que eu digo muito, o Romeiro tem uma capacidade de reler, que impressiona, quando em chamaram pra fazer as palestras com os funcionários do memorial, eu fui pra lá pra conversar o que era, e eu comecei a dizer: Vocês lembrem-se que isso aqui é uma coisa nova, o Romeiro vai chegar, ele vai olhar e ele vai dizer sim ou não. Ele vai dizer sim ou não, pois é coisa do padre Cícero isso. E acho que ele dizia mais não. Eu sei que... eu também acho, e pouca coisa também, agora também porque não tem uma outra forma de mostrar. Romeira não vê museu! “Renato, tu é doido?” – Sou!

O Museu na concepção de museu, aquela casa antiga dele lá, aí eles entram sabe? Agora o romeiro vê as coisas do padre Cícero, onde elas estiverem, desde que eles possam ter uma interação e se sintam a vontade, não coisas “chiques” onde você não pode nem tocar. Uma das casas mais visitadas, fora do Salesiano é aquela mais em baixo, pequenininha que fica vizinha daquele prédio velho que ia ser o palácio do bispo, na rua São José. Aquela ali foi a casa que o padre Cícero mais morou, então os romeiros

se sentem mais a vontade ali, porque não tem a característica de “Não toque no vidro!”, “Não pise na grama!”, “Não faça...”, sabe? Até o horto tá assim, porque tem a estátua, o povo ainda anda porque tem aquela estátua, eles podem tocar, eles podem escrever na estátua, que tinham proibido até isso também. Nem tanto a estátua, eles entrarem na casa do padre Cícero e mesmo com aquele caminhamento turístico, eles veem as coisas que eles viam, a imagem do senhor que era de madeira, o quarto do padre Cícero deitado na rede, e eles focam mais num oratório que tem, quando você chega à porta de vidro, você chega e tem um oratóriozinho lá dentro que era o oratório da igreja pequena de palha que tinha debaixo do pé de tambor, aquilo ali foi uma promessa da irmã do padre Cícero, com a doença do padre Cícero ela fez a promessa que colocaria o bom Jesus do horto. Que Odizo o arquiteto italiano que veio morar aqui, quando chegou copiou daquela de madeira aquela que hoje, aquele Senhor que tá lá naquela capelazinha que existia e que derrubaram, quando você chega onde é a capela, onde reza a missa no horto, não tem um senhor? E tem um anjo que tiraram de perto dele, você veja, esse italiano pegou essa imagem e transformou em gesso junto com seu anjo e tiraram pra colocar dois anjos desses modernos, eles sentem essa falta, de você ter uma imagem lá e quando chego ela não tá mais, é essa coisa, é aí onde tá o perigo. Pra dona Raimunda não foi (um perigo) foi uma coisa maravilhosa. Mas é onde reside essa nova busca de liquidificar essa relação por conta do símbolo que era sagrado. Agora me diga uma coisa sobre o padre Venturelli, há alguma verdade sobre o que dizem dele? – Eu não sei. Porque falam muito, que ele era muito bruto, muito mandão e que queria tirar aquele pessoal que tava ali vendendo aquelas coisas, foi muita confusão na época.

Os padres salesianos, principalmente os estrangeiros, eles quando vem pra cá, eles pensam que são donos do mundo, todos eles. Porque é a formação deles. – Mas eles têm que se adequar. Mas é claro, por isso a gente tá falando sobre padre Venturelli, não esquecendo as coisas boas que ele fez, mas o que ele faz? Chega lá ele quer botar a economia salesiana dentro do contexto do horto. Uma economia feita na Itália, uma forma de tratar a economia na Itália e quer colocar aqui, ele acabou com uma das coisas mais lindas que existiam em Juazeiro, que era os meninos que cantavam nunca mais você viu isso, porque achavam que estavam pedindo esmola, “DEIXA DE SER BURRO!”, dar e receber esmola é um elemento da cultura. Se eu faço uma promessa de vir pra Juazeiro pra dar vinte conto de dinheiro só em moeda, eu saio dando esmola, se eu não der, como é que diabo eu cumpro minha promessa? Como que eu pago a promessa? Não conseguem fazer essa leitura. Então padre Venturelli botou a economia

salesiana, onde tudo tem o seu lugar, onde existe para as mulheres de que você vai vender isso ou aquilo. Sabe aquela coisa de capitalismo na sua grande essência que antigamente a gente sabe que era assim: “Eu vou botar o meu banquinho pra quando terminar a romaria eu vou construir na frente da minha casa”? Quando eu chego hoje não tem mais isso, eu sei que os tempos são outros, mas que tinha essa coisa. E o horto era aberto pra quem quisesse botar banca. Começou essa destruição do horto na década de 60, que inventaram de botar uma torre de televisão pra pegar TV, jornal do comércio de Pernambuco, me lembro como se fosse hoje da televisão chegando no Cariri, eu tinha 14 anos. Pra que fizessem essa torre, a desculpa era derrubar o pé de tambor e derrubaram. O pé de tambor era um pé que vivia lá no horto e inventaram de quem tinha construído o pé foi o padre Cícero. Não tem aquela história do pé de tambor e tambor, que Jesus estava no horto das oliveiras e foi para um pé não sei das quantas e chorou suas lágrimas e suou sangue? O romeiro transformou esse pé de tambor nesse símbolo. Então, ali naquele pé de tambor foi o lugar onde o padre Cícero suou sangue por conta das coisas da igreja em cima dele. Começaram a fazer uma assepsia no Juazeiro, as elites emergentes começaram a criar uma forma de botar o romeiro no canto dele, ou seja: “Você vem reza ai e desapareça”. Derrubaram pé de tambor. Dona Maria dos benditos que era uma mulher que toda tarde subia e ia cantar benditos para o padre Cícero, pra Jesus, nossa Senhora, debaixo do pé de tambor. Diz o bendito que o pé de tambor quando tava cortado chorou, que ele gemia de dor e escorreu sangue. Era um organismo vivo que representava muita coisa, mas vamos botar Juazeiro dentro da questão da modernidade. Juazeiro foi a primeira cidade que teve uma “repetidora” de televisão que podia ter sido feito em outros lugares, mas não, vamos aproveitar e destruir o símbolo... O Juazeiro que hoje a gente pode ainda qualificar é socorro em torno, a matriz em torno, pedaço da matriz em São José, ali por trás da matriz de São José, ali Juazeiro ainda é muito vivo, o caminho do horto e o santo sepulcro. O santo sepulcro é a única coisa pura que resta no Juazeiro. O padre Venturelli estava também em cima de ladrão, reflorestou, mas fez uma merda, se me permite dizer que foi construir, onde tinham as casinhas que vendiam coisas, hoje tem lá uns butiquinzim, construíram umas lojinhas. Uma das coisas mais tristes que aconteceu comigo foi o seguinte: Eu trabalhava na prefeitura, e me chega um cineasta que queria fazer um filme sobre Juazeiro, me entregaram este homem pra andar com ele pra lá e pra cá, e íamos até a missa do Romeiro, a missa do beato lá no santo sepulcro e eu me lembro de que pra ir pro santo sepulcro tinha que sair quatro horas de Juazeiro pra chegar cinco horas

no horto, no horto gasta mais algumas horas pra seis horas estar no santo sepulcro sem pegar sol, porque você passava lá uma, duas, três horas pra depois ir pro Juazeiro, mas como já tá mais inverno a gente vai, deixa o carro no Horto e vai a pé pro santo sepulcro, porque pra ir pro santo sepulcro tem que ser a pé, você só compreende indo a pé, ai chego lá, Zé Carlos diz: Renato, a missa é sete e meia, chegue no Horto sete horas. Eu disse: Não dá tempo não, Zé Carlos. Eu vou, mas essa missa não deve ser sete e meia, deve ser oito horas, porque é uma hora ; Quando eu chego lá, vejo os “negócios” em cima do carro, pensei comigo – meu Deus, tá indo o carro do santo sepulcro, e eu não dei uma palavra. Sabe o que é ir por ir? Porque o cara foi, quando chegou lá eu disse: Zé Carlos, que história é essa?

Ele disse: Não Renato, foi aberto, o padre Venturelli fez uma estrada. Verificando algumas coisas. A questão da ida, o Romeiro se sente mal pra sair de lá e eu até compreendo, ai eu conversei com ele, eu disse: Renato, eu lhe garanto que não vai ser uma coisa corriqueira, pra entrar lá tem que ser pra levar coisa, trazer coisa, ou seja, pra manutenção logística. Eu acreditei e realmente só entra lá hoje carro que vai fazer alguma logística, ele não deixa entrar moto que é “fácil fácil”, a não ser que seja alguma coisa, sabe? O caminho do santo sepulcro é uma riqueza. Nós vamos passar por dona Luzia e tem também dona Rosinha, não sei se você conhece no caminho do Horto, ela tá com noventa e tantos anos, lúcida. Ela inda conheceu o padre Cícero, ainda muito nova, mas conheceu.

Elis: Eu queria saber, como você enquanto Romeiro analisa as mudanças dos últimos trinta anos, por exemplo?

Romeiro: Em relação ao romeiro? É eu já mostrei mais ou menos que o Romeiro mesmo continua com o mesmo pensamento. Uma das coisas que ainda se conserva é o pau de arara, apesar de estar acontecendo muita confusão, não tão deixando... Mas o pau de arara não era propriamente uma questão econômica, mas sim uma questão de tradição. Essa mudança substancial, a questão da chegada ao Juazeiro, essas mudanças contribuem pra muita coisa, para o sim e para o não, por exemplo, os ônibus contribuíram para uma parcela da população nordestina que não vinha para o Juazeiro vir, que eram as pessoas das grandes cidades, que nesses trinta anos essa mudança de perfil do transporte possibilitou as pessoas urbanas virem, e fora de época. Então isso é uma mudança muito substancial. Não sei se é na procissão da nossa Senhora das candeias que vem uma parcela grande da cidade de Recife que impressiona... então, isso mudou muito esse perfil, não é mais só Rural, é urbano também. As práticas... mudou

alguma coisa, por exemplo, os Franciscanos consolidaram-se como roteiro, como se padre Cícero tivesse vivo, o interessante é isso, como se o padre Cícero estivesse direto lá. A caracterização dos franciscanos que foi colocada no Juazeiro que foi colocada no Romeiro, porque a Roma mandou dizer que mandassem ordens ao Juazeiro para tirar o fanatismo da cabeça e uma das ordens... Se lembra do padre que foi assassinado? Esse padre foi assassinado no dia do lançamento da pedra fundamental dessa igreja dos franciscanos, que era pra eles virem e podarem... Então você teria dois polos, o polo da matriz e o polo dos franciscanos, pra botar o Romeiro nos eixos. Foi uma reviravolta, os franciscanos começaram a ser um elemento, como se quem tivesse colocado-os em Juazeiro fosse o padre Cícero, entende? São coisas interessantíssimas essas mudanças de trinta ou quarenta anos pra cá. Outra coisa, sobre mudanças substanciais, existia uma capelinha feita por um beato Manoel – o nome era Manoel cego, porque ele era cego – ali na capela São Miguel. Ai, “–Vamos construir um hospital no Juazeiro.” e escolhe onde? Nessa capela! Esta capela foi a que seria a capela do beato São Lourenço que este anunciou que foi morto não deixou, ele foi velado fora desta capela, que é linda, estilo barroco tupiniquim. Mas, ai, “– Vamos botar hospital.” “– Mas pra plantar hospital ali, nós temos que acabar com esta capela e botar uma outra.” Se deixassem a capela ainda estaria lá até hoje, pois só usaram o muro, porque o hospital mesmo não ocupa o espaço da capela do beato, que era uma capela que não era bem vista, era uma capela que os beatos e as beatas faziam sua forma de se expressar, tem todo o contexto religioso e a igreja não via com bons olhos, talvez ela não tinha tido nem licença pra ser construída. Então, era a igreja de São Vicente, a capelinha do anjo. O que faz a diocese na década de 60? Pega essa capela e transforma em matriz e coloca como padroeira nossa “Senhora da França” (Nossa Senhora de Lurdes) que não tinha nada a ver com o contexto, que era só pra fazer sombra a nossa Senhora das Dores. Toda a igreja tentou fazer uma série de mudanças, mas continuam os Romeiros indo ver a igreja de São Miguel que não é muito frequentada por romeiros, mas vão. Então essas também foram mudanças, os franciscanos mudaram o espaço do padre Cícero e outras coisas, destruíram muitos momentos Romeiros, casas que os Romeiros viam como lugar de oração, até por conta desse momento de fazer... Por exemplo, acabaram com a casa do sonho do padre Cícero, onde começou toda a história porque o padre... É aquela história que acredito que você sabe. Então, inventaram de fazer aquilo lá daquela “Roma tupiniquim”, porque é uma tentativa de trazer as ovelhas desgarradas pra um...

Não sei... Não compreendo. Mas, enfim, tinha a igreja, a capela, derrubaram a casa e não deixaram uma referência.

Romeiro gosta de caminhos, Romeiro gosta do simples. Quando eu era menino, o pai falava pra não brincar com os romeiros porque dizia que eles roubavam as criancinhas, ou seja, até isso inventaram pra gente não se aproximar deles, mas menino é menino, então a gente ia, subia nos caminhões, brincava e via que era uma coisa totalmente diferente, era bom demais. Eles são de uma forma de ler o mundo tão diferente que se aprende muito com eles, muito ricos de compreensão de mundo, e nessa busca do melhor, e melhor nesse pensamento é ter uma vida boa, sem atropelos, não é nem riqueza é mais uma “Estou bem, eu vivo bem!”.

Então essas mudanças que inibem essa prática que é a destruição desses espaços que inibia essa primeira prática que era a dos Romeiros mais antigos, em compensação permite a esses mais novos essa vivência espacial... Não há uma interação muito grande com aqueles espaços, então pra praça padre Cícero, um local onde tinha mais missas e essas coisas, hoje não, hoje é mais uma praça mesmo, e ai os bares que eles frequentam os shows que eles vão, essas são as mudanças que tem. O tipo de moradia mudou também, não tem mais aquilo de dormir no chão, porque antigamente tinha como se fosse um sacrifício para o padre Cícero, pra nossa Senhora, hoje não, eles só querem lugar que tem banheiro e quarto. Essa é a contemporaneidade e as mudanças hoje.